



FACULDADE CALAFIORI

JÉSSICA APARECIDA DE PAULA

**LEITURA E CIDADANIA: PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO HUMANIZADORA**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2017**

JÉSSICA APARECIDA DE PAULA

**LEITURA E CIDADANIA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO
HUMANIZADORA**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. César Clemente

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2017**

**LEITURA E CIDADANIA: PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO HUMANIZADORA**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador: Prof. Ms. César Clemente

Professor(a) Avaliador(a) da Banca

Professor(a) Avaliador(a) da Banca

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus que na sua bondade e benevolência concedeu a força e a coragem necessárias para que eu alcançasse a minha meta e realizasse o meu sonho.

Ao apoio, paciência e dedicação de meu orientador, Professor Ms. César Clemente, que muito apoiou e auxiliou através de seu conhecimento e suas informações.

Aos meus familiares pela compreensão ao longo de todo o caminho percorrido. Estes que sempre me apoiaram e me ajudaram chegar até aqui, que sempre me incentivaram e colaborando em todos os momentos, acreditaram em meu sonho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação profissional e a realização desta monografia.

“Uma aula é como comida. O professor é o cozinheiro. O aluno é quem vai comer. Se a criança se recusa a comer pode haver duas explicações. Primeira: a criança está doente. A doença lhe tira a fome. [...] Segunda: a comida não é o que a criança deseja comer [...]”.

(RUBEM ALVES, 2002, p.82)

RESUMO

Esta presente monografia visou o estudo de como o processo inerente à leitura pode influenciar na formação do cidadão enquanto este indivíduo é um aluno em processo de alfabetização. Como metodologia de pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando os principais trabalhos e autores relacionados a este tema. Atualmente, nota-se que a população brasileira vem sendo atingida por um processo de crescente escolarização. Porém um assunto em voga é a qualidade desta, a que níveis de satisfação ela tem atingido, o nível proficiência e se há programas que visem corrigir e sanar tais dificuldades, tais problemas. A capacidade de realizar uma leitura em níveis satisfatórios é fator norteador da qualidade desse processo vigente. Discute-se muito sobre o analfabetismo funcional, ou seja, até onde vai o nível de leitura, de compreensão da população. Assim, para tentarmos compreendermos esse processo faz-se necessário uma leitura atenta dos conceitos, das raízes da leitura. Os seus fundamentos para que se possa compreender e posteriormente melhor utilizar as técnicas em sala de aula. A escolha de tal deve-se pela crença de que é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, O seu papel na formação do cidadão e como ela pode auxiliar na formação de um cidadão consciente e atento ao mundo que o rodeia e capaz de interpretar as informações que lhes são dadas. E como pode influenciar no desenvolvimento humano, enfatizando nas implicações de seu processo evolutivo.

Palavras-chave: Educação. Ensino-aprendizagem. Escola

ABSTRACT

This present monograph aimed at the study of the inherent reading process can influence the formation of the citizen, as this individual is a student in the literacy process. As a research methodology, a bibliographical research has been performed seeking the main works and authors related to this subject. Currently, it is noted that a process of increasing schooling has affected the Brazilian population. However, a subject in vogue is the quality of it, the levels of satisfaction that it has reached and if there are programs that aim to remedy such difficulties, such problems. The ability to perform a reading at satisfactory levels is the quality-guiding factor of the current process. There has been a lot of discussion about functional illiteracy, it means, how far does the reading and understanding level of the population goes. Hence, to try to understand this process it is necessary a careful reading concepts of the reading roots. Its basis so that we can understand better and then use these techniques in the classroom. Its role in shaping the citizen and how you can assist in the formation of careful and aware citizen to the world around them. And how it can influence in the human development, emphasizing the implications of its evolutionary process.

Keywords: Education. Teaching and learning. School

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. LEITURA	12
2.1 O que é leitura.....	12
2.2 A influência da leitura.....	16
2.3 A contribuição da leitura na construção da identidade	19
2.4 Leitura e escrita: processos indissociáveis.....	21
2.5 Leitura e fatores externos	23
3. CIDADANIA NA EDUCAÇÃO	25
3.1 A construção da cidadania a partir da leitura	25
3.2 A leitura como objeto transformador do cidadão	26
3.3 A influência da leitura na formação do ser	28
4. LEITURA E CIDADANIA	29
4.1 Enquanto ferramenta de transformação social	29
4.2 Contribuições profícuas de um leitor proficiente	32
CONSIDERAÇÕES	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Há tempos uma questão vem sendo repetidamente discutida em nossa sociedade, a crise da leitura. Atualmente, a ideia vigente constitui em crer que a leitura não possui mais espaço reservado na vida das pessoas, sobretudo nas rotinas de crianças e jovens. Pode-se dizer que esse fato acontece e se dá pela falta de incentivo, por parte da família e dos educadores.

O advento tecnológico vem colocando as pessoas em um ritmo vertiginoso, pois se percebe que as informações e o conhecimento de hoje não serão suficientes para o amanhã e tampouco uma semana ou um mês depois. Toda a forma de conhecimento adquirida hoje é efêmera e, assim, a leitura acaba passando de privilégio para obrigação. Obrigação essa que tão logo cumprida é descartada. O que ocorre é que a grande parte da população não tem acesso aos livros, literários ou não, e isso faz com que a leitura seja um privilégio de poucos. E assim, um círculo vicioso se forma pois uma vez que livros não são um negócio lucrativo, não há mercado consumidor, não há incentivo para tal. O mercado envereda para outros meios de propagar conhecimento, porém na maioria dos casos, esses outros meios trazem um conhecimento de qualidade discutível.

A sociedade contemporânea se alimenta da circulação da informação, notadamente da informação escrita, distinguindo os seus membros pelos níveis de acesso, como também, da capacidade de uso da mais variada gama de informações. Em um mundo em que as informações têm sido lançadas com uma frequência e velocidade nunca antes percebidas, devido ao amplo e massivo uso em especial da internet, é natural a atribuição às capacidades de compreensão e de produção da escrita uma importância cada vez maior: A leitura é a chave para o acesso dessa fonte do saber, que possibilita o crescimento pessoal e profissional do bom leitor.

A leitura é uma ponte entre o conhecimento sistematizado e o mundo real. O livro, por ser a fonte de conhecimento, é um instrumento de combate à ignorância e à alienação, pois através dos textos os homens expõem os visíveis problemas sociais, enfrentados por seus semelhantes no dia-a-dia.

A vida contemporânea nos remete a um processo extremamente dinâmico, contextualizado em uma correria e constante agitação, transformando-nos em pessoas aceleradas, e assim, sempre em estado de pressa e correndo desordenadamente. Conseqüentemente, as pessoas não disponibilizam de tempo para fazer uma leitura e

tampouco uma análise da realidade que a rodeia. A gama de informações que são lançadas a todo o momento através das mais variadas mídias quase sempre não são devidamente absorvidas e aproveitadas como deveriam. Diante deste imediatismo social, necessita-se construir um conhecimento profícuo que contribua significativamente para a evolução do pensar. O ser humano reflete na sociedade a partir da sua construção psíquica enquanto na sua condição como ser pensante, argumentativo, questionador, reflexivo; por conseguinte, se faz necessário socializar o seu conhecimento reproduzindo-as na forma de cultura, utilizando de suas práticas de leitura e escrita como práticas sociais.

Em um texto os enunciados se organizam e se agrupam em diferentes tipos, conforme a finalidade da comunicação. Quando um indivíduo utiliza a língua para se comunicar, sempre o faz por meio de um tipo de texto, conscientemente ou não. Nesse sentido, a língua se realiza por enunciados, orais ou escritos, previamente dominados pelo aluno. Caso se assim não o fosse, a comunicação se tornaria praticamente inviável.

Podemos observar que os enunciados são utilizados de forma organizada e agrupada em toda atividade humana. Essas atividades têm por características objetivos específicos e condições especiais de uso, tornando-os, quando emitidos pelos alunos relativamente estáveis, comumente associados a elas. Mesmo variando em extensão, conteúdo e estrutura, conservam características comuns e são denominados gêneros do discurso ou gêneros textuais.

Formando dois únicos grupos: o dos textos literários e o dos textos não literários. No primeiro grupo, estariam aqueles ligados à literatura e, portanto, ficcionais ou não, como conto, crônica, poesia, novela etc. No segundo, os informativos: notícias, avisos, propagandas, outdoors, verbetes enciclopédicos;

O presente trabalho tem como intenção realizar uma análise sobre como a leitura e a cidadania constituem processos indissociáveis na formação humanizadora do aluno e posteriormente, na formação do cidadão.

Percebemos que a importância da leitura na formação do cidadão consciente leva à necessidade de reflexão dos processos que a envolvem. Hoje em um mundo em que a informação é diversa e dinâmica é necessário que o leitor seja proficiente.

Para o educador, em especial o profissional que lidará com a alfabetização é importante que tenha conhecimentos dos mecanismos da aquisição da leitura e também de uma boa escrita. De posse dessas informações ele estará apto a realizar intervenções quando necessário.

Leitura e a escrita constituem-se instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo. Seu incentivo é fator fundamental na formação dos jovens, para o desenvolvimento de sua consciência crítica, para compreensão e intervenção no mundo em que vivem e para aguçar sua curiosidade, criatividade e participação.

Assim, faz-se necessário uma análise dos conceitos, teorias e a pesquisa de como pode ser importante e como ela reflete na vida do cidadão.

A presente monografia tem por objetivo geral fazer um estudo da importância da leitura e da escrita enquanto processos indissociáveis na construção do conhecimento, formação humanizadora e no processo de formação de um cidadão consciente.

Possui também a intenção de contribuir para uma reflexão acerca da importância do desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação dos alunos por meio de uma proposta de educação que vise à participação social, com vistas à formação de um cidadão pleno, consciente de seus deveres e direitos, capacitado a participar efetivamente da sociedade, melhorando seu nível educativo, fortalecendo seus valores democráticos e proporcionando que sua diversidade cultural seja respeitada. Portanto, busca-se ainda, demonstrar a relevância das atividades de leitura no espaço escolar, principalmente as que favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais, ignorando diferenças sociais.

Compreender os conceitos básicos que envolvem o processo de leitura, refletir sobre a influência e em que modo ela pode contribuir na construção da identidade, também discorrer sobre o elo indissociável que envolve o processo de leitura do de escrita.

Identificar os fatores externos presentes nos dias de hoje e como eles refletem, assim como avaliar as questões voltadas ao ensino, mais especificamente à alfabetização e quanto ao hábito e a importância social da leitura.

Avaliá-la como ferramenta de transformação social e estudar a importância da leitura na formação de um leitor proficiente e também elencar a construção da cidadania.

Para tal abordagem, partimos de um referencial metodológico, utilizando referências bibliográficas, explorando assim, diferentes ideias, dados através da leitura de teses de autores conceituados sobre Leitura e Escrita e suas implicações. Tal pesquisa abordou a questão central já descrita no objetivo, comparando os autores pesquisados e confrontando suas ideias com as diferentes visões sobre a temática referenciada.

Trata-se de um estudo de caráter exploratório-descritivo ou experimental. Como descrito por Gil (2010), uma pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que esta pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou relato de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

2. LEITURA

2.1. O que é leitura

A leitura pode ser conceituada como uma atividade ao mesmo tempo individual e social. Individual porque depende do processamento que cada sujeito realiza para compreender, isto é, depende da realização de operações mentais como percepção, análise, síntese, generalizações, inferências, entre outras.

O texto, enquanto se faz, é parecido com uma renda de Valenciennes que nasceria diante de nós sob os dedos da rendeira: cada sequência engajada pende como o bilro provisoriamente inativo que espera enquanto seu vizinho trabalha; depois, quando chega sua vez, a mão retoma o fio, o traz de volta ao bastidor; e, à medida que o desenho vai se completando, cada fio marca seu avanço por um alfinete que o retém e que se desloca aos poucos (BARTHES, apud JOUVE, 2002, p. 93).

Uma definição precisa sobre o que é leitura não é tarefa fácil. A melhor definição deverá ser adotada conforme o contexto em que esta será reproduzida ou até mesmo onde será adotada. Não podemos definir com precisão o que é leitura, pois sua concepção varia consideravelmente segundo a concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote (KOCH, 2002).

O texto é o ponto de partida e o de chegada, é a linha que une leitor e produtor. O texto é o lugar social da interação. Por ele nos movemos; por ele temos comunhão de informações, ideias, intenções e emoções. Bakhtin (1995, p. 113) afirma:

Toda palavra comporta duas faces: ela é tanto determinada pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro. Se ela se apoia sobre

mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Porém ler não corresponde exclusivamente ao entendimento do mundo do texto, seja ele estando escrito ou não. A leitura remete a várias percepções, assim sendo não pode ser estudada sobre um único aspecto, não deve ser adotado um único ponto de vista. Aspectos como qual o tipo de leitor em que se pretende atingir no momento da elaboração de uma obra, qual o nível de percepção de leitura, ou melhor, qual a base o indivíduo possui e qual sua recepção dependendo da obra, do conteúdo que lhe é direcionado. Esses e mais alguns fatores serão importantes no estudo da leitura em si. A leitura é uma atividade de construção de sentido, que pressupõe a interação autor-texto-leitor, na qual não estão em jogo não somente as pistas e sinalizações que o texto oferece, como também os conhecimentos do leitor (Koch e Elias, 2006).

Koch e Elias (2008, p.12) reforçam essa ideia

O lugar mesmo de interação é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”.

Para Koch e Elias (2002), na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como dono de suas ações e de suas vontades, o texto é visto como um produto do pensamento do autor, cabendo ao leitor/ouvinte o reconhecimento das intenções do autor. Dessa forma, a leitura é definida como uma atividade de captação das ideias do locutor.

Além do conhecimento do texto-fonte, necessário se faz também considerar que a retomada de texto(s) em outro(s) texto(s) propicia a construção de novos sentidos, uma vez que são inseridos em outra situação de comunicação com outras configurações e objetivos (KOCH; ELIAS, 2008, p. 85).

No entanto teorias mais recentes concebem o ato de ler como atribuição de significados, decorrentes da interação do leitor com as informações captadas no texto e no seu contexto (MICOTTI, 1999).

A leitura carece da mobilização do universo de conhecimento do outro, do leitor, para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, que é o lugar onde o texto realmente está. Yunes (2009) afirma que

Aprender a ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras) para desenvolver uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles. (Yunes, 2009, p.9.)

É tido como social porque, quando alguém lê, este o faz em contextos específicos de interação e isso envolve diferentes comportamentos, atitudes e objetivos na situação comunicativa. A leitura envolve tanto a decifração do código ou decodificação propriamente dita quanto à construção de sentidos (ou construção de coerência).

Ao pensarmos sobre o conceito do termo leitura, somos levados às referências subjetivas; porém, em contraste, uma das características da leitura é que ela proporciona ao indivíduo não simplesmente decifrar símbolos, mas o acesso a informações e ao conhecimento produzido no mundo.

Segundo Freire (2011), o indivíduo, antes de adquirir a leitura da palavra, já tem a leitura do mundo, mas esta só se completa e se descortina ao sujeito se este tem o domínio da palavra. Portanto, o processo envolve não tão somente uma descodificação de letras e símbolos, mas um condicionamento dos mais diversos significados.

A leitura envolve diversos procedimentos e capacidades, todas dependentes dos contextos e das finalidades. Martins (2006) ao tentar entender e elucidar a questão da leitura vai dizer que ela é uma experiência individual e que pode ser caracterizada como sendo a decodificação de signos linguísticos, por meio dos quais o leitor decifra sinais, e também como sendo um processo de compreensão mais abrangente, em que o leitor dá sentido a esses sinais. Nesta direção de pensamento, Martins (op. cit.) afirma que a leitura é realizada a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, e que esse objeto pode ser de caráter escrito, sonoro, gestual, uma imagem ou até mesmo um fato do cotidiano.

A ação de ler pode assumir diversas formas, não pode ser simplesmente caracterizada como a interpretação de um texto, por exemplo, ela pode envolver outras formas de percepção.

De acordo com COSSON (2014)

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolvem quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto.

Cosson (2014, p.36 á 39.) considera que há a necessidade de interação dos quatro elementos acima citados como “processo único e contínuo” no processo de leitura. Concomitantemente, o autor realiza uma reflexão das diversas teorias da leitura e ilustra a posição que elas ocupam no ato de ler. Em uma visão tradicional, a leitura começa com o autor que se expressa através de um texto e este será assimilado pelo leitor em determinados contextos. Ler, segundo essa concepção é buscar o que diz o autor, sua opinião e qual são simultaneamente, ponto de partida e elemento principal do circuito da leitura. Ao tomar o texto como elemento central, os estudiosos defendem a ideia e afirmam que o texto, nas suas linhas e entrelinhas, é o elemento mais importante no processo de leitura, por isso ler começa na compreensão do que diz o texto e tem como ápice a identificação da estrutura ou o reconhecimento dos mecanismos retóricos do texto.

Assim, tomada por uma visão mais básica, a leitura é, antes de qualquer coisa, um processo de decifrar o texto, de decodificá-lo. Em objetos (textos) mais elaborados, ler é desvelar o texto em sua estrutura, tal como se observa na proposta hoje comum nos manuais de literatura de se analisar um texto poético a partir das camadas sonoras, lexical e imagística com que é constituído. Ler é analisar o texto.

As teorias que defendem a leitura centrada sobre o leitor vão dizer que a leitura

[...] começa no momento em que o leitor se dirige ao texto... Várias dessas teorias pressupõem que o texto nem sequer existe sem o leitor. É apenas no momento da interação ou da transação entre leitor e texto que o sentido se efetiva, de modo que, sem o leitor, os livros, por exemplo, não passam de papel com tinta. (COSSON, 2014)

Conforme Cosson (2014), as teorias centradas no leitor quase sempre colocam o autor do texto como mero coadjuvante. De acordo com essas teorias a leitura se realiza apenas no processo de interação entre o leitor e o texto. Por fim, Cosson (op. cit.) vai falar das teorias centradas no contexto. Conforme o autor, “[...] a leitura parte do contexto e tem no contexto o seu horizonte de definição. Ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade.”

Britto (2006, p. 84) vai dizer que “ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos”. O autor acredita que o processo de leitura do indivíduo é dado a partir de uma “ação cultural historicamente constituída” (BRITTO, 2006, p. 84). Ainda segundo as teorias defendidas pelo autor, ele não crê que a leitura seja apenas um acúmulo de informações; crê que seja um conjunto de valores originados no seio da sociedade. Para o autor “a leitura é um ato de posicionamento político do mundo” (ibidem, p. 84).

Analisando sobre como se dá o processo do ler em si, reflete-se sobre alguns procedimentos. Tomando-o como um conjunto mais amplo de fazeres e de rituais que envolvam as práticas de leitura, que vão desde ler da esquerda para a direita e de cima para baixo; folhear o livro da direita para a esquerda e de maneira sequencial e não saltada; escanear as notícias de um jornal para encontrar os textos de interesse; usar caneta marca-texto para destacar as informações relevantes numa leitura de estudo ou de trabalho, por exemplo. Embora estes procedimentos requeiram capacidades (perceptuais, práticas, etc.) não constituem diretamente o que é normalmente denominado, nas teorias, como capacidades cognitivas, linguístico-discursivas de leitura.

Até a segunda metade de o século passado ler era somente alfabetização, o foco era pura e simplesmente a decodificação das letras do alfabeto. As capacidades de decodificação são importantes, porém não poderiam ser o único viés que poderia ser desenvolvido no ato do aprender a ler. Considera que outras habilidades devem ser desenvolvidas.

Atualmente, a leitura é vista como um ato de se colocar em relação um texto com outros discursos anteriores a ele, envolvidos nele e posteriores a ele, com inúmeras e diversas possibilidades de réplica, gerando novos discursos e textos. O conjunto discurso e texto são visto como conjunto de sentidos e apreciações de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles – finalidades da leitura e da produção do texto, esfera social de comunicação em que o ato da leitura se dá. Nesta vertente teórica, capacidades discursivas e linguísticas estão crucialmente envolvidas.

2.2. Influência da leitura

A era em que vivemos tem como centro a informação, o conhecimento e a comunicação. Toda informação é instantânea, acontece em tempo real. Assim, a disseminação do conhecimento hoje em dia tornou-se extremamente dinâmico.

A presença massiva de aparelhos eletrônicos sofisticados, telefones celulares e computadores que modificaram totalmente a vida das pessoas. Sua rotina está mais ágil, não se escrevem longas cartas e sim curtas mensagens eletrônicas. O acesso a uma notícia hoje se dá através de links que podem ser acessados em redes sociais e também pode-se citar a ampla divulgação de vídeos. Se por um lado as mudanças foram benéficas, por outro tem seus inconvenientes. Por exemplo, os alunos têm à sua disposição na Internet resumos de obras literárias, enquanto o prazer de manusear um livro impresso tem sido esquecido. As notícias veiculadas em vídeos de curta duração colaboram para que o hábito de ler um jornal impresso seja cada mais esquecido.

O uso da internet já é previsto nos PCNs, Parâmetros Curriculares da Educação. Na introdução é discutida (1998: 140):

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações. A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis — livro didático, giz e lousa, televisão ou computador. A presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores.

O uso massivo do computador, da internet, da televisão e de outros recursos tecnológicos no cotidiano traz benefícios sociais, políticos e econômicos para a sociedade. O papel das novas tecnologias é o de transformar o mundo, enriquecê-lo. E elas somente serão de fato totalmente exploradas quando o aluno e futuro cidadão conseguir interpretá-las e até mesmo decodificá-las nas suas diversas formas de apresentação.

Segundo Marcuschi (2010) os gêneros textuais são “maleáveis”, ou seja, são criados e utilizados de acordo com a necessidade de comunicação do indivíduo. O avanço da tecnologia tem sido um grande aliado na criação de diversos gêneros. Encontramos os gêneros textuais em diversas situações que envolvam algum tipo de comunicação em nosso cotidiano. Sendo

assim, considera-se como gêneros textuais o uso de e-mail, a troca de mensagens através do aplicativo Whatsapp e a leitura da 'timeline' do Facebook.

Os gêneros textuais funcionam como paradigmas porque nos oferecem modelos de comunicação para que esta seja eficaz, não só verbalmente como também através da produção escrita. Ao produzir um texto, optamos também pela melhor forma de transmitir a mensagem. Se alguém pretende se comunicar com uma pessoa que mora longe e não tem acesso a meios eletrônicos, poderá utilizar o gênero carta para transmitir sua mensagem. Ele utilizará uma determinada estrutura (tipo textual) que se apresentará em forma de gênero (a carta em si), a qual requer um destinatário, um remetente, data, local, corpo do texto e assinatura. Porém, se essa carta não for assinada por alguma razão, por exemplo, não deixará de ser uma carta, nem mesmo deixará sua função de comunicação. (MARCUSCHI, 2010)

Martins (2006) define de uma forma bem simples e objetiva o que é ler, mostrando que este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes. O leitor passa a entender melhor o mundo ao seu redor, transpondo assim barreiras e encarando melhor a face da realidade e desenvolvendo um senso crítico e conseqüentemente uma filtragem das informações que lhe são proporcionadas.

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

Assim percebe-se neste aspecto a importância da formação de um leitor pleno. Pois de nada adiantaria uma grande quantidade de informações se este não possui o condicionamento de interpretar, compreender. Uma vez que isso não ocorre a gama de informações torna-se efêmera e até mesmo inútil.

Para Jolibert (2006), escrever é produzir textos em função das próprias necessidades. Não se trata de produzir frases soltas ou parágrafos isolados e agrupá-los com a intenção de construir um texto completo. Produzir algo escrito é assumir a perspectiva de um determinado tipo de texto, dirigido a um destinatário e com uma intencionalidade específica (JOLIBERT, 2006, p. 192).

A autora ainda nos diz que escrever é

...um PROCESSO mais do que um PRODUTO ou, melhor, a qualidade e a adequação do produto depende da qualidade da adequação do processo. Um texto é produzido por camadas com um ir e vir entre intenções do autor e necessidades linguísticas do texto. A escrita de um texto é um trabalho complexo que requer vários passos ou etapas, nos quais vai revisando-se os diferentes aspectos (linguísticos ou estruturais). Portanto a primeira escrita, já produzida como texto, é revisada, melhorada e assim sucessivamente as suas reescritas, até se chegar à “obra-prima” ou versão final (JOLIBERT, 2006, p. 192).

No contexto em que vivemos hoje, a preocupação central deve ser com a forma de educar e promover os momentos de leitura. Concorde-se com Guareschi e Biz (2005: 135) quando dizem que:

"a aprendizagem mais necessária e importante aos educandos de hoje é aprender a *selecionar, a escolher*. A oferta de material e de estímulos é extremamente abundante. Temos tudo, por todos os lados, em todos os sentidos. Mas se nos faltar um critério de escolha acabaremos afogados pela abundância de dados oferecidos."

O modo de como lidar com abundância de informações deve ser planejada e implementada nas escolas que continuarão com seu papel de investir na construção do saber, porém não se omitindo de participar dos acontecimentos ao seu redor, procurando a atualização constante das novidades que a circundam e atendendo e promovendo as contextualizações necessárias. Ainda nesse sentido, citamos Citelli (2000: 35) que defende a ideia de que a inserção da escola no ecossistema comunicativo é um desafio para todos os educadores:

A escola, enquanto instituição privilegiada no contexto da formação da sociabilidade deve aperfeiçoar o seu papel, ‘ampliando o conceito de leitura e aprendizagem’, equipando-se para entender melhor os significados e os mecanismos de ação das novas linguagens, interferindo para tratar as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa à luz do conceito de produção dos sentidos, algo que se elabora por uma série de mediações e segundo lugares específicos de constituição, que incluem interesses de grupos, valores de classes, simulacros, máscaras etc.

Assim, o grande desafio da escola nos dias de hoje é preparar cidadãos-leitores, de cuja formação as diversas mídias possam fazer parte. Ler o discurso da mídia é condição para a inserção do sujeito na sociedade e na História de seu tempo.

O acesso à leitura – um bem cultural – deve ser oportunizado a todos os cidadãos. Ler a palavra escrita, a palavra oral, à palavra não dita, implícita no contexto ou em uma imagem, e depreender o sentido que emana de fatores linguísticos e extralinguísticos torna-se prioridade na escola e fora dela. O analfabeto, hoje, não é simplesmente aquele que não sabe ler ou escrever, mas o que não compreende os textos que o circundam (Ghilardi, 1999: 107).

A escola, portanto, deve cumprir seu papel de formadora de leitores e, para isso, não deve desprezar a colaboração que os meios de comunicação possam proporcionar. Em especial atenção aos meios digitais, sobretudo à constante presença da internet nos dias atuais.

2.3. A contribuição da leitura na construção da identidade

Segundo Sim-Sim (2003: 5), a complexidade envolvida no processo de aprendizagem da leitura requer do aprendiz de leitor motivação, vontade, esforço e conscientização do que virá a ser aprendido. Por sua vez a morosidade inerente ao domínio desta competência exige também que o seu ensino não se limite à decodificação alfabética e se prolongue, de forma sistematizada e consistente, ao longo de todo o percurso escolar.

Métodos dinâmicos e envolventes são necessários até mesmo para que a criança em processo de letramento não perca o interesse e não desenvolva precocemente um desinteresse pelo hábito de ler.

Micotti (2005, p.12) nos diz que:

O sucesso e o insucesso escolar provêm da realização, ou não, de atividade intelectual eficaz para a apropriação dos saberes e do desenvolvimento de competências cognitivas pela criança. Isto requer que ela se mobilize intelectualmente, o que pressupõe que as situações de aprendizagem tenham sentido para ela. Tal explicação coloca o sucesso na alfabetização como resultante da correspondência entre as atividades propostas no ensino e o sentido que os alunos atribuem a elas (MICOTTI, 2005, p. 12).

Rangel (1990) afirma que a leitura nem sempre é um ato agradável, nem sempre é um prazer, porém ler é uma prática básica, essencial para aprender e nada a substitui, mesmo nos dias de hoje onde se proliferam “mecanismos” de ensinar, assim como a informática, cujas

redes sociais e páginas de localização de informações hoje se fazem inseridas e tem um papel de disseminadoras de conhecimento.

Sendo prazeroso ou não, é indispensável, quando se trata de aprendizagem, seja ela em qualquer nível, no ambiente escolar ou fora dele, coletivamente ou individual, ele deve ser continuamente incentivado.

Para Micotti (1999), as aulas deveriam envolver práticas de leitura e de escrita das crianças, integradas com as vivências em sala de aula, assegurando às crianças a construção de significados.

Deste modo o aprendiz tentará ler e escrever por sentir necessidade real disso. Nestas tentativas ele utiliza tudo o que já sabe sobre a escrita, o que aprendeu brincando, observando, imitando outras pessoas ou explorando materiais escritos. Ler e escrever constituem atividades que ele julga necessárias e que são de seu interesse, portanto não são vistas como obrigação ou imposição da professora ou dos pais. (MICOTTI, 1999, p. 21).

Segundo Zilberman (1994), não é somente na escola que a criança tem que ser incentivada a ler, mas desde o seu nascimento, quando a mãe lê para seu filho logo nos primeiros meses. Se isso é feito desde cedo e complementado na escola, esse processo contribui para a formação de crianças críticas, e assim com a facilidade de ler ao decorrer dos próximos anos de escolarização. Portanto, a criança chega à escola já habituada com a leitura. As etapas de estranhamento e ambientação (adaptação) são bem menos trabalhosas.

O professor deve estar em constante sintonia com as transformações do momento. Atualizando constantemente seus conhecimentos, procurando ter plena consciência de seu mundo e até mesmo praticando o hábito de escrever. Deve ser um leitor atento à realidade social e saber o seu lugar dentro desse processo de transformação por que vem passando a educação.

A atividade de leitura também pode ser vista como um processo cognitivo, já que, no processo de deciframento de signos do texto, o indivíduo realiza um esforço de abstração e, em determinados momentos, principalmente em textos mais longos, o leitor se vê às voltas com a progressão da leitura do texto e de sua interpretação global, ou seja, com a fluidez do texto e com o encadeamento de ideias que a compreensão do texto supõe (GREGORIN, 2009, p. 50).

Segundo Gregorin (2009), na atividade de leitura o professor pode e deve dialogar com o aluno sobre as relações entre as diversas linguagens que compõe a obra, pois a criança educará o seu olhar para as múltiplas linguagens construtoras dos diversos textos nos quais a sociedade está imersa. A atuação do adulto é de grande importância, já que é através dela que a criança terá acesso ao livro. “É nesta fase que o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança tem do espaço global em que vive” (COELHO, 2000, p. 33). É importante que os professores tenham consciência do saber que a criança constrói na interação do contexto sociocultural e assim adotar em suas práticas pedagógicas a leitura, para que as crianças desenvolvam, construam e adquiram conhecimentos. Para Santos (2008), o professor é o principal incentivador do aluno, já que este é o primeiro leitor e escritor na vida da criança, servindo assim de modelo, inspirando as crianças a criar o gosto pela leitura.

2.4. Leitura e Escrita: Processos Indissociáveis

APRENDI que o ato de escrever é uma seqüela do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois as nossas próprias palavras. [...]

APRENDI que, para aprender a escrever, tinha de escrever. Não adiantava só ficar falando de como é bonito escrever; eu tinha mesmo de enfrentar o trabalho braçal (e glúteo) de sentar e trabalhar.(SCILIAR, 1995)

É de conhecimento geral que antes de frequentar a escola, a criança já faz uso da língua com total desembaraço. O processo de aquisição da linguagem não tem sido foco de estudos indagações e preocupações, por parte dos estudiosos dessa temática. O que tem chamado a atenção dos linguistas é o processo de aquisição da linguagem escrita e conseqüentemente da leitura e os mecanismos que perpassam o campo da construção do sentido.

Quando o assunto é alfabetização, pensamos no processo de leitura e de escrita. Atualmente, sob uma ótica do contexto educacional, a leitura e a escrita são habilidades centrais, visto que é inegável a sua função social em nossa sociedade cada vez mais complexa. Sabe-se, no entanto, que a alfabetização é um processo complexo, que vai além de ler e escrever, “as pessoas se alfabetizam aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente

adquirem competências para usar a leitura e a escrita para envolver-se com as práticas sociais da escrita.” (SOARES, 2006, p.45).

Alfabetizar nos dias de hoje tem sido algo desafiador, uma vez que não podemos mais corroborar com a ideia que alfabetizar é promover ao educando desenvolvimento da capacidade de reconhecer letras e copiá-las. Alfabetizar vai muito além. As perspectivas estão cada vez mais amplas levando em consideração todas as situações discursivas em que o indivíduo está inserido. Dessa forma, não se pode reduzir a leitura como simples deciframento de códigos.

No ambiente escolar, a prática docente, de uma maneira geral, não se volta para a leitura sob esse enfoque, trabalhando-a de forma sistematizada. Os resultados desse descaso são visíveis, uma vez que a escola não propicia aos alunos a realização de um trabalho ativo de construção do significado do texto, tal como o proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. (BRASIL, 1997, p.53).

Nesse contexto, a qualidade ou não da alfabetização das crianças nos anos iniciais implicará o seu desenvolvimento escolar nos anos seguintes. Assim a escola tem a obrigação de garantir que os alunos sejam alfabetizados e letrados, ou seja: “ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.” (SOARES, p.47).

E necessário que o alfabetizando perceba as diferenças entre a escrita alfabética e outras formas gráficas; tenha pleno domínio das convenções gráficas, compreendendo, por exemplo, que a escrita se organiza da esquerda para a direita, os espaços em branco e os sinais de pontuação; reconheça unidades fonológicas como rimas, sílabas, terminações de palavras; reconheça as letras do alfabeto, compreenda as categorias gráficas e funcionais e utilize diferentes tipos de letras tanto na leitura quanto na escrita; compreenda a natureza alfabética do sistema de escrita; domine as relações fonema/grafema (regularidades e irregularidades ortográficas).

Sabe-se que as intervenções do professor são essenciais no processo de construção da escrita pela criança. “Consciente de seu papel no processo de alfabetização, o educador pode

realizar um trabalho de ação pedagógica com enfoque no desenvolvimento e construção da linguagem.” (CÓCCO e HAILER, 1996, p.11).

A apropriação do sistema da escrita é um processo que ocorrerá gradualmente e cada criança a desenvolverá no seu próprio tempo. É normal que muitas capacidades deste eixo possam não estar consolidadas logo no primeiro ano de escolaridade e vão requerer, demandar mais tempo.

Algumas atividades pedagógicas podem vir a contribuir para o desenvolvimento dessas capacidades pelas crianças: exploração de sílabas, rimas, terminações semelhantes de palavras em jogos, desafios e parlendas; exercícios que explorem as diferenças entre a escrita alfabética e outras formas gráficas, como, por exemplo, comparação entre desenhos, números, sinais matemáticos; atividades que levem o aluno a perceber que, em Língua Portuguesa, se escreve da esquerda para a direita; atividades de exploração da segmentação dos espaços em branco e da pontuação de final de frases; exercícios de identificação de letras e de reconhecimento da ordem alfabética como bingo, forca, jogos no computador, consulta ao dicionário.

Alguns exercícios de identificação de diferentes tipos de letras podem ser iniciados no primeiro ano de escolaridade, entretanto o uso da letra cursiva na escrita não deve ser exigido de crianças que ainda não dominam o hábito da leitura. À medida que vão sendo alfabetizadas, elas mesmas sentem a necessidade do uso da letra cursiva e terão mais facilidade para se apropriarem dela. A apropriação das relações entre fonemas e grafemas, objetivando ao domínio das regularidades e irregularidades ortográficas, vai requerer um conjunto de atividades sistemáticas que levem o aluno a perceber as regras subjacentes (quando for o caso) ou memorizar grafias. Algumas atividades como observação, discussão de regras, jogos ortográficos, palavras cruzadas, charadas, caca-palavras, correção orientada de textos, jogos no computador podem ser úteis no sentido de que o aluno se aproprie do sistema de escrita.

2.5. Leitura e fatores externos

Partindo da ideia de leitura como um ato político, Soares (1988, p. 28) afirma que a leitura é um processo político, e que os agentes que formam os leitores, como é o caso dos alfabetizadores, dos professores e dos bibliotecários, desempenham um papel político e que a ação deles poderá ou não ser um instrumento de transformação social.

Deve-se também citar que a escrita tem importância para a sociedade ao ser representante esquemático da língua, mas ela não carrega tantos significados como a leitura, que é preponderantemente um trabalho de ressignificação e não uma atividade de pura decodificação. Ao escrever pensa-se em um significado já definido de acordo com o que se quer com o texto; diferentemente ao ler, o sujeito leitor traz para este ato sua própria existência e dá significados novos ao que foi lido. Quanto mais experiências viver o leitor e quanto mais gêneros linguísticos ele conhecer, mais poderá usufruir da leitura.

Está correta Lajolo, quando diz:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (Apud GERALDI, 1985:80)

Na sociedade brasileira, pode-se chegar à conclusão que o ato de ler não é tão valorizado como deveria ser. É possível notar um movimento que quer dar à leitura sua real importância aperfeiçoando as habilidades leitoras do sujeito-leitor, entretanto sofre interceptações com as indefinições e até mesmo falta de objetividade da política educacional brasileira. Como foi exposto por Lajolo e Zilberman (1996:311):

(...) ao espessamento das práticas brasileiras de leitura, ainda que intermitente e cheio de recuos, corresponde um – igualmente intermitente e cheio de recuos – amadurecimento do leitor que, na inevitável interação com os múltiplos elementos de práticas mais complexas de leitura, rompe restrições, libera-se da tutela, enfim, alcança a emancipação possível.

Os professores devem ser instruídos a fazer com que os alunos compreendam que a leitura, antes de qualquer coisa, deve ser vista como veículo de aperfeiçoamento do conhecimento, visando que o sujeito-leitor transforme-se ao longo de sua trajetória em um cidadão consciente de seu papel de agente transformador do mundo em que vive.

A leitura não deve ser obrigatória; ela precisa ser algo prazeroso e que contribua para a formação individual e social do homem. Quando ela é tida como maçante, cansativa e vista com até mesmo um castigo a ser cumprido, remete à ineficiência da escola e a sua distância em relação às práticas sociais significativas.

3. CIDADANIA NA EDUCAÇÃO

3.1. A construção da cidadania a partir da leitura

A alfabetização é um processo contínuo e indispensável para a apropriação do sistema de escrita e desenvolvimento das habilidades de uso social da leitura e da escrita. Esse processo é, sem dúvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, uma vez que, a capacidade de ler e escrever faz parte das exigências da nossa sociedade cada vez mais complexa e com abundância de informações.

Hoje em dia, não é vista como algo desconexo do mundo, ela engloba um processo de construção de conhecimentos, e possui o anseio de reconhecer os educandos como sujeitos autônomos, críticos na sociedade para serem sujeitos ativos, que possuam a competência de transformar a sociedade, para que seja mais justa, igualitária e cidadã. Segundo Ferreiro e Teberosky,

A posição que sustentamos reiteradamente é que o marco da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da leitura-escrita. Dizemos apropriação do conhecimento, e não aprendizagem de uma técnica. Contudo o que essa apropriação significa aqui como em qualquer outro domínio da atividade cognitiva: um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando compreendeu seu modo de produção, quer dizer, quando o reconstituiu internamente. (1985, p. 275).

Isso leva à reflexão de que processo de leitura e escrita percorrido pela humanidade deveria ser de forma pessoal e porque não dizer original, autêntica.

A partir das últimas décadas do século passado esse conceito foi ampliado, devido às necessidades sociais. Hoje dizemos que é alfabetizado aquele que aprendeu a ler e escrever, que sabe expressar ideias (escrever) e apropriar-se dos sentidos inscritos no texto (ler) (SOARES, 2000).

Dessa forma, ler entende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a

capacidade de interpretar sequência de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada e relações complexas, anáforas; e ainda habilidade de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações. (2000, p.31).

E com o intuito de melhor definir essa nova dimensão da entrada do alfabetizado no universo da cultura escrita que se surgiu um novo termo do universo pedagógico, o letramento. O conceito designa, então, “o conjunto de conhecimentos e atitudes e capacidades envolvidas no uso da língua em práticas social e necessário para uma participação ativa e competente na cultura escrita”. (SOARES e BATISTA, 2005, p.50). Ainda conforme a autora, letramento é, “pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1988, p.18).

Saber simplesmente escrever é diferente de ter aprendido a ler e escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua propriedade e a utilizar para que se possa expressar. Aqui a ideia da construção da cidadania por meio da leitura toma forma, pois o indivíduo que consegue se expressar não só verbalmente, aquele que adquire outras formas de realizar isso é capaz de se inserir cada vez mais na sociedade. O indivíduo que é capaz de escrever suas opiniões, por exemplo, de organizá-las, de colocá-las no papel é considerada parte diferenciada na multidão daqueles que infelizmente constituem a maioria que só sabem se expressar verbalmente. Sob esse enfoque, “a escrita traz consequências culturais, sociais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2004, p.17).

Soares (2006) enfoca que para viver no mundo do conhecimento, o educando necessita de dois processos: o domínio do sistema alfabético e ortográfico, que se obtém através da alfabetização, e o domínio de competências do uso desse sistema, ou seja, saber ler e escrever em diferentes contextos e situações, habilidade esta que se obtém através do letramento.

Atualmente, exige-se muito mais do que ler e compreender um simples texto. Ser um indivíduo alfabetizado hoje é ter condição de transitar com eficiência pelas práticas sociais ligadas à escrita e à leitura. Nesse sentido, faz-se necessário que propostas de

alfabetização devam considerar essas questões, para superar os problemas e as dificuldades e garantir a aprendizagem dessas habilidades de uso social dessa tecnologia.

3.2. A leitura como objeto transformador do cidadão

O nível de leitura pode ser fator norteador para uma divisão de classe. Quanto mais escolarizado um indivíduo mais chances ele terá para se inserir em camadas ditas como mais nobres da sociedade. Um indivíduo que possua um grau de escolaridade inferior já enfrenta dificuldades, pior será ainda o seu quadro se este for um analfabeto funcional.

Como diz Bertrand (2003, p. 413)

[...] o leitor, ao ler, atualiza o texto e o seu sentido, de acordo ou não com suas expectativas e previsões advindas de sua competência linguística e cultural. Mas o texto também procura e cria o seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem, na sua substância e nas suas formas, suscitando a dúvida, a inquietude e a surpresa. Por meio da diversidade dos modos de crença que a leitura propõe, eis que se encontram, invertidas, a experiência sensível da língua e a experiência cultural do mundo

Ler um texto é pôr em ação todo o conhecimento de mundo. É fazer emergir a biblioteca vivida, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. A leitura é uma estratégia do afrontamento e da manipulação. É uma interação produtiva, dinâmica, entre o texto e o leitor. É uma revelação pontual de uma polissemia do texto, como afirma Goulemot (apud CHARTIER, 2001, p.108).

A leitura pode, muitas vezes, estar sujeita às regras e conveniências sociais, que visam o domínio de uma classe social sobre outra, usando o analfabetismo funcional como uma arma opressora.

O analfabetismo funcional relaciona-se com indivíduos que são alfabetizados, sabem ler e escrever, porém esse conhecimento se resume em leitura cotidiana, como por exemplo, assinar seu nome, localizar os nomes de ruas, ônibus, lojas, e leitura de textos curtos e simples. O nível de conhecimento dessas pessoas, neste caso, é tido como superficial, pois não conseguem buscar, em texto de nível médio, um significado mais profundo. Foucambert (1994, p.118) caracteriza o analfabetismo e o iletrismo da seguinte forma:

O analfabetismo caracteriza-se pela impossibilidade de compreender ou de produzir uma mensagem escrita simples [...] O analfabetismo funcional refere-se à mesma impossibilidade, porém envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominaram essas técnicas de correspondências grafo-fonética num certo período de sua vida, mas que perderam esse domínio por falta de uso e de exercícios com elas. [...] O iletrismo se caracteriza pelo afastamento em relação às redes de comunicação escrita, pela falta de familiaridade com livros e jornais, pela exclusão do indivíduo das preocupações e respostas contidas na elaboração da coisa escrita.

Sob a ótica desse autor, o analfabetismo funcional é visto como um fragmento do iletrismo e até mesmo como consequência do mesmo. Ao ignorar a leitura de aprofundamento, o leitor passa apenas a fazer uma leitura superficial e sem interesse, pois não se nota ligação e tampouco empatia com o texto. Não há busca de maior compreensão e de nenhum conhecimento.

A capacidade de uma boa leitura associa-se ao poder, pois ela converte o leitor, e conseqüentemente, o mundo a sua volta, através da busca pelo conhecimento. Foucambert (1994, p.121) afirma que: “A defasagem entre leitores e não leitores reproduz a divisão social entre o poder e a exclusão, entre as classes dominantes e os que são apenas executores.” Na busca por maior poder aquisitivo, é necessário que o homem se aperfeiçoe cada vez mais na sua área de trabalho e o melhor e mais eficaz meio de consegui-lo é por meio da leitura.

3.3. A influência da leitura na formação do ser

Ainda que importante para a formação do ser humano, caracterizado como um cidadão consciente, o ensino da leitura vem sendo trabalhado de forma casual e sem o planejamento devido e com isso vem sendo formado um contingente de analfabetos funcionais. Segundo Silva e Zilberman (1998, p.79):

[...] a escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela. [...] embora se tenha conseguido nos últimos anos um aumento substancial na taxa de escolarização, a escolarização por si só não está dando uma contribuição decisiva à solução do problema.

Silva e Zilberman (1998, p.81) sugerem que uma solução para tal questão é “[...] a maneira de aprender a ler funcionalmente é ler.” Isto é, o contato do aluno com a leitura deve ultrapassar a fronteira do ambiente escolar, deve ser estimulado que ocorra em outros ambientes. A realização de uma leitura não tem que ser tão somente didática, mecânica e obrigatória, mas sim uma leitura interessante e envolvente, que desperte o interesse e o prazer do aluno pela leitura.

Pode-se considerar como um bom leitor é aquele que relaciona o conteúdo do texto com a realidade que o cerca, que a contextualiza, realizando críticas, concordando ou discordando de ideias, fatos e opiniões, planejando hipóteses e questionando seu meio. Segundo Silva (1995, p.47) “[...] a leitura enriquece ou empobrece, dinamiza ou paralisa, dirige ou desvia, conscientiza ou serve para alienar as ações relacionadas com a formação de leitores.” Sendo assim, o livro é instrumento para ampliar os horizontes do leitor.

4. LEITURA E CIDADANIA

4.1. Enquanto ferramenta de transformação social

Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sócio-cultural futura. (EZEQUIEL 1988:20)

Não basta aprender a ler, é necessário desenvolver uma visão crítica e assim determinar, possibilitar pontos de vista. Ler de maneira crítica é, segundo Medeiros, “(...) perceber a consistência das ideias apresentadas, a coerência e harmonia do texto”, (1998:88). Essa percepção diz respeito à tomada de consciência, em que o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a entender melhor o mundo. Adotando outras palavras, o sujeito age ativamente sobre o material escrito, no sentido de aceitá-lo ou rejeitá-lo, submetendo-o a uma investigação minuciosa e reflexiva. Essa postura investigatória permite ao leitor descobrir possíveis “falhas” presentes no discurso. A esse respeito escreve Silva:

O ensino crítico da leitura deve mostrar que os livros nada mais são do que a expressão de pensamentos sujeitos a erros, passíveis de serem aprofundados e questionados. (1988:22)

Diante dessa colocação, chega-se à conclusão de que nem tudo o que os autores escrevem tem que estar necessariamente correto, ou ainda não possa estar sujeito a críticas e correções. No entanto, para atingirmos um nível de criticidade, precisamos não só compreender as ideias veiculadas pelo autor, mas também analisar tais ideias. Nesse sentido, a leitura crítica sempre nos levará a produção ou construção de um novo texto, o texto do próprio leitor. Conforme podemos observar, a leitura crítica possui um caráter revolucionário, pois nos permite alargar a compreensão do mundo. Essa leitura só é alcançada quando, segundo Alves:

O leitor dominar a técnica da leitura, quando não precisar pensar em letras e palavras: só pensar nos mundos que saem delas; quando ler é o mesmo que viajar. (1999:64)

Nas escolas, a prática docente trabalha a leitura de uma forma mais sistematizada, desenvolver tal senso crítico não é colocado como prioridade. Os resultados decepcionantes dessa opção são visíveis ao passo que a escola não propicia aos alunos a realização de um trabalho ativo de construção do significado do texto, tal como o proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. (BRASIL, 1997, p.53).

Dado o panorama atual da qualidade discutível do nível de alfabetização e letramento presente na educação atual, crê-se que um dos fatores de tal problema é a formação de professores. Micotti (2004), em estudo do qual participaram alfabetizadoras formadas por diferentes escolas do Estado de São Paulo, observou que o aprendizado da alfabetização ocorre no início do magistério com o apoio de docentes mais experientes, o que contribui para a conservação de procedimentos próprios da didática tradicional na alfabetização, realizada no sistema de escolas públicas desse Estado. Sobre o aprendizado do ensino, as alfabetizadoras indicam a falta de estudos na formação inicial para embasar a prática pedagógica.

Para Goulart (2000), o trabalho pedagógico, realizado em sala de aula nas classes de alfabetização, não tem se mostrado satisfatório para que os alunos possam ser leitores e escritores proficientes.

As crianças aprendem a decodificar letras e sons, no caso da leitura, e a codificar sons em letras no caso da escrita, sem, no entanto, produzir sentido nessas atividades. Assim, não conseguem dar conta da leitura e produção de textos socialmente legitimados (GOULART, 2000, p. 158).

Segundo Sousa (1999), para ter leitores, é indispensável formá-los, não basta desejá-los. Formar leitores exige da escola, e dos vários intervenientes no processo educativo, atitudes que estimulem o saber pensar, o criticar, respondendo e encarando desafios.

Além de aprender a ler e escrever, a criança deve aprender a dominar as práticas sociais de leitura e de escrita.

Tal ampliação do conceito de alfabetização vem do fato de que as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita. Consequentemente, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se mostrado condição insuficiente para responder adequadamente as demandas dos dias de hoje. E preciso ir além da simples aquisição do código escrito, da condição de decifrá-los, é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriar-se da função social dessas duas práticas.

Além disso, dia a dia, multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e de escrita, não só na tradicional cultura do papel, mas também na nova cultura virtual, através da internet. Assim, se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, um jornal, ou se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, ela é alfabetizada, mas não letrada.

As crianças de diferentes classes sociais convivem com a escrita e com práticas de leitura e escrita cotidianamente, o que significa que vivem em ambientes de letramento. Envolvidas por material escrito e de pessoas que usam a leitura e a escrita, as crianças, desde cedo, vão conhecendo e reconhecendo as práticas de leitura e de escrita.

Infelizmente, crianças das camadas mais pobres tem um convívio menos frequente e menos intenso com textos impressos do que as crianças das classes sociais mais favorecidas.

Tais diferenças sociais presentes nas escolas acabam influenciando juntamente com seu histórico de vida, a leitura e sua interpretação, pois um texto sempre está relacionado a um

contexto e a leitura, quando crítica, remete o leitor a um mundo de percepções, conhecimentos e análises. Fica ao encargo do professor partilhar experiências de mundo com os alunos, incluindo toda a bagagem de conhecimento adquirida no decorrer dos anos.

Segundo Kleiman (2002, p.30):

[...] o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino da língua. Assim, encontramos o paradoxo que, enquanto fora da escola o estudante é perfeitamente capaz de planejar as ações que o levarão a um objetivo pré-determinado (por exemplo, elogiar alguém para conseguir um favor) quando se trata de leitura, de interação à distância através do texto, na maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde quer chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá... nem sequer supõe.

Estudiosos em leitura afirmam que não há processo de compreensão e sim processos de leitura. Também comentam que estes processos de leitura são tantos quantos forem os objetivos e as motivações do leitor. A forma e o tipo de texto determinam os objetivos da leitura. É a partir de objetivos estabelecidos de leitura que se permite ao aluno controlar e regular o próprio conhecimento.

Isso leva a uma reflexão sobre a mediação realizada na escola, considera-se que deve ser sistemática, relacionada com as vivências dos educandos nos contextos que estão inseridos. Nas instituições de ensino de nosso país predominam o processo mecânico de leitura e escrita. Uma aprendizagem de qualidade requer que saiba ler e escrever exercendo as funções sociais, com visão crítica, pensamento reflexivo. Acatar a ideia de alfabetização como ato repetitivo e mecânico é consentir com uma sociedade exclui e segrega indivíduos, não permitindo a autonomia e a respectiva humanização imprescindível para que cada sujeito sinta-se um cidadão em plenitude. Soares (2003) aponta que

Alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida não, como em concepções anteriores, com textos artificialmente para a aquisição das “técnicas” de leitura e de escrita,

mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.(SOARES, 2003, p.92).

O aluno por ter esse controle do próprio conhecimento só aprende o que lhe chama atenção, o que lhe interessa, Kleiman (2002, p.35) afirma que “[...] a leitura desmotivada não conduz à aprendizagem.”, pois o texto lido mecanicamente, de forma não motivada é esquecido rapidamente, é através do texto que o educador passa ao aluno, que ele vai estabelecer e desenvolver suas estratégias metacognitivas, ou seja, se o texto tratar de um tema que é de interesse do aluno, este procura aprofundar seu conhecimento porque estará fazendo algo prazeroso.

Os objetivos que motivam o aluno a ler e compreender o texto levam a outro panorama: a formulação de hipóteses, pois quando o aluno tem dúvidas e elabora hipóteses sobre o assunto e a estrutura do texto, ele conseqüentemente alcança novos horizontes. E assim, estará construindo novos conhecimentos para ele e para sua vida em sociedade. Em relação a isso afirma Rubem Alves

Penso que de tudo que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior do que o ensino do prazer pela leitura. A leitura é a chave para abrir as avenidas do mundo, sem ela somos sereis ilegíveis. (1995:61)

Assim sendo, o ambiente escolar precisa apenas proporcionar aos aprendizes as condições necessárias para que eles possam desempenhar melhor essa função. Ao adquirir o conhecimento sobre o funcionamento de um texto, o leitor e escritor certamente irão descobrir o processo da leitura como um todo, colocando-se como sujeito da própria história, pois as leituras se modificam no tempo.

4.2. Contribuição profícua de um leitor proficiente

De acordo com o Relatório final do Grupo Alfabetização Infantil, educação e cultura são necessários que os alunos aprendam a ler:

O processo de aprender a ler consiste em adquirir uma série de habilidades que envolvem o reconhecimento de palavras escritas, bem como a

decodificação e aglutinamento fonológico. À medida que a competência de leitura evolui, com a prática, a decodificação tende a tornar-se mais eficiente, e o léxico ortográfico evolui, tornando mais fácil o reconhecimento imediato da ortografia das palavras. Essa definição se sustenta no simples fato de que as correspondências grafema-fonema se constituem na essência do código alfabético greco-latino. (BRASIL, 2007, p. 27).

Aprender a ler leva ao objetivo de compreender o que está escrito de maneira independente, pois ler não significa a compreensão aconteça, visto que em muitos casos pessoas leem e escrevem, mas não compreendem. Por conseguinte, para que ocorra a compreensão de um texto escrito, o indivíduo precisa saber ler. Capaz de ler, ele tem condições de aprender a partir do que lê, assim é mister que ocorra a alfabetização.

O que significa estar alfabetizado? Estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. Significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia, textos de circulação social que tratem de temáticas familiares ao aprendiz. (BRASIL, 2007, p.17)

Existem inúmeros estudos, como diversos parâmetros que são observados nas escolas com objetivo de formar um leitor capaz. O sistema educacional requer dinamismo e um fator importante é a constante atualização e monitoramento das práticas que são utilizadas. Ao longo do tempo alguns projetos são reelaborados para que ocorram melhores desempenhos de aprendizagem. Um aspecto importante na reelaboração dos projetos pedagógicos das escolas e a definição de instrumentos compartilhados para diagnosticar e avaliar os alunos e o trabalho que é realizado. É importante a escola definir quais são os patamares mínimos de aprendizagem numa serie ou ciclo, bem como a necessidade de se estabelecerem formas de diagnóstico dos conhecimentos adquiridos pelas crianças, para que o professor possa orientar a definição desses patamares, além de desenvolver processos de intervenção que assegurem o avanço das aprendizagens dos alunos.

Ferreiro (2001), aponta algumas posturas que são de suma importância para que as práticas pedagógicas consigam atingir resultados satisfatórios, que permitam as crianças serem alfabetizadas.

É necessário mudar a própria concepção do objeto, para que se entenda por que a alfabetização implica em um trabalho conceitual, que em certo sentido é similar ao caso da matemática. A criança pode recitar o abecedário, tanto

como recitar a série dos números. Contudo, isso não basta para chegar a noção de número, nem basta para entender o que está escrito e qual a sua relação com a língua oral. A modificação do objeto conceitual é imprescindível. (FERREIRO, 2001, p.22)

Há também que se pensar em metodologias de ensino que unam a alfabetização e o letramento dos alunos. Isso se deve ao fato de os procedimentos metodológicos precisam promover resultados positivos para a aprendizagem das crianças. Nessa perspectiva, a questão metodológica passa a ter mais importância nas práticas de alfabetização, no sentido de se promover um equilíbrio entre as diferentes perspectivas teórico-metodológicas que informam o processo de aquisição da leitura e da escrita, articuladas aos conhecimentos e capacidades que se deseja ensinar.

A necessidade de se criar contextos significativos e atrativos, trabalhando com temas interessantes ao universo infantil com o amplo mundo da escrita, que desafia as crianças a lidar com a diversidade de textos aos elas já estão familiarizadas e outros que precisam conhecer, e ao mesmo tempo sem deixar de se trabalhar os conteúdos propostos.

As crianças chegam à escola vinda de diferentes espaços sociais. Cada uma traz uma bagagem muito individual e desenvolveu comportamentos, atitudes e saberes específicos proporcionados por sua condição, por sua cultura e pelo grupo em que convive. Ao serem alfabetizadas, reproduzem o som que ouvem para escrever, ou seja, escrevem da forma como ouvem. Quanto maior seu contato com materiais escritos, maior sua bagagem de conhecimento. Ler histórias, fazer bilhetes e anotações, dá às crianças o incentivo que elas precisam para ler qualquer coisa escrita, como por exemplo: livros, jornais, anúncios. Ao serem alfabetizadas, é fundamental que explorem o universo de significados contidos nos textos. Solé (1998, p.60) afirma que:

As crianças só podem aprender porque as correspondências entre o som e a letra lhe são transmitidas [...] a criança pode se beneficiar tanto do contexto de uma frase conhecida para descobrir o significado de uma palavra nova inserida na mesma, como de uma experiência em correspondência.

Ao professor cabe oferecer aos alunos amplas perspectivas, estratégias e caminhos, para que eles possam entrar em contato com o sistema da língua escrita e seus significados, e também com variados textos. As atividades a serem desenvolvidas para ampliar as capacidades devem ser previstas levando em consideração o histórico de vida de cada criança.

(...) as histórias ouvidas e contadas pelas crianças (devem ser escritas pelo professor), bem como as tentativas de escrever seus nomes ou bilhetes. Essas atividades assumem grande importância no processo, pois são geradoras de espaço para descoberta dos usos sociais da linguagem- a escrita. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que ela possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções da norma culta. (BOCK, 2008, p/140)

Trata-se de permitir que ela amplie seu grau de letramento, levando-a a: conhecer, utilizar e valorizar os modos de manifestação e circulação da escrita na sociedade; conhecer os usos e funções da escrita; desenvolver as capacidades necessárias para o uso da escrita e saber usá-las. Segundo Solé (1998, p.75) o educador: “[...] deve garantir o elo entre a construção que o aluno pretende realizar e as construções socialmente estabelecidas.”. Assumindo a figura norteadora aos alunos, os professores permitem que os alunos construam e assumam a responsabilidade do próprio desenvolvimento.

Algumas atividades devem ser previstas para desenvolver atitudes e valores nos alunos em relação à leitura, como gostar de ler livros diversificados, frequentar bibliotecas, valorizar a leitura como fonte de entretenimento, cuidar dos livros e demais materiais escritos, procurar informações em jornais e sites de buscas.

Para desenvolver essas capacidades, devem ser direcionadas atividades que fujam da rotina e até mesmo aquelas que não são tão tradicionais, podem ser propostas e bem como para desenvolver capacidades específicas para escrever.

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que embora hoje, a população em sua quase totalidade possa estudar, e seja incentivada para isso, ela não chega a ler. Infelizmente, não adquiriu ainda esse hábito. A escolarização brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chegando por vezes até mesmo a impedi-la. Ler continua sendo coisa de intelectuais.

As práticas didáticas de leitura no letramento escolar atuais desenvolvem somente uma pequena parcela das capacidades inerentes às práticas de letramento exigidas pela sociedade abrangente, àquelas que satisfazem a leitura para o rendimento na escola. Infelizmente, esse entendido como um processo de repetir falas e textos de autores consagrados que devem ser entendidos e memorizados para que o currículo se cumpra. Isto é feito, habitualmente, em todas as disciplinas, por meio de práticas de leitura lineares e literais, principalmente de localização de informação em textos e de sua repetição ou cópia em respostas de questionários, orais ou escritos.

Mas ser um bom leitor é ultrapassar a literalidade e saber interpretar um texto, contextualizando, comparando, argumentando; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação a ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada uma delas exigindo determinadas capacidades.

O ato da leitura consiste em muito mais do que simplesmente ler um artigo de revista, um livro, uma notícia em uma página social. Hoje ler é algo necessário para participar ativamente de uma sociedade. Competências como desenvolver a capacidade verbal, descobrir o significado das palavras, ou seja, ampliar o vocabulário, desenvolver a capacidade de escrita, além do fato que ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas ideias e experiências.

A leitura é uma atividade prazerosa e muito útil, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova percepção do mundo.

Fato é que a leitura é uma das atividades mais importantes do universo social e escolar dos indivíduos. A sociedade com suas constantes mutações deve exigir uma profunda reflexão sobre o que é a leitura, o papel que ocupa no currículo e forma como é ensinada e avaliada.

O incentivo à leitura tem de ser uma constante em uma escola. Deve fazer parte da rotina e não ser somente tratados em eventos esporádicos e isolados.

Compete à escola, através da ação dos professores, especialistas e outros indivíduos integrantes de uma escola, selecionar, analisar a influência dos manuais e outros elementos que podem afetar o processo de ensino/aprendizagem.

A prática da leitura introduzida no cotidiano permite a percepção dos diferentes tipos textuais, diante disso ele passa a fazer a diferenciação entre as variadas tipologias fazendo o uso correto de cada um deles facilitando a comunicação em seu meio social.

Para que o cidadão participe ativamente na sociedade faz-se necessário que ele possua uma consciência crítica que ultrapasse o senso comum e está construção só poderá acontecer a partir do momento que a prática da leitura se torne um hábito. A leitura é um elemento importantíssimo no crescimento e no desenvolvimento da cidadania. Elemento necessário na comunicação do cidadão.

Diante desse contexto, podemos afirmar que a leitura e a escrita são elementos imprescindíveis nessa sociedade atual, pois estas têm exigido cada vez mais que pessoas detenham conhecimentos em diversas áreas para que possam melhor desenvolver e interagir no corpo social. Quem detém a informação, o conhecimento nos dias atuais se sobressai.

A leitura está profundamente enraizada na sociedade moderna, por ser de caráter transformador, aqueles que a buscam com empenho e interesse conseguem vários benefícios, como o desenvolvimento das aptidões intelectuais, conhecimento cultural, melhora na produção escrita e talvez o mais importante: pode transformar o indivíduo em cidadão crítico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Entre a Ciência e a Sapiência**. O dilema da educação. 4. ed, São Paulo, Edições Loyola, 1999
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira, 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1995
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. J.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1973
- BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª edição. São Paulo: Saraiva 2008.
- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação e Cultura. **Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: os novos caminhos. Relatório Final**, 2ª Edição: Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informações, Coordenação de Publicações, 2007.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRANDÃO C. R. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2002
- BRITTO, L. P. L. **Leitura e política**. In EVANGELISTA, A. A. M; BRANDÃO, H. M. B.; CHARTIER, R. **Práticas da Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001
- CÓCCO, M; HAILER, M. A. **Didática de alfabetização: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo**. São Paulo: FTD, 1996.
- CITELLI, A. O. **Educação e mudanças: novos modos de conhecer**. CITELLI, Adilson O. (coord.) *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. Coleção Aprender e ensinar com textos, v.6, São Paulo: Cortez, 2000, p.17- 38.

- COELHO, N. N. **Literatura Infantil**. São Paulo, SP: Moderna, 2000
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- FOUCAMBERT, J. **A Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Questões da Nossa Época; 22).
- GHILARDI, M. I. (orgs.). **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: ALB e Anhembi Morumbi, 1999, p.103-112.
- GREGORIN J. N. **Literatura Infantil/Juvenil: Diálogos do Livro com a Sociedade**, São Paulo, SP: Melhoramentos, 2009.
- GUARESCHI, P. e BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**. Tudo o que você deve saber sobre mídia. 2.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- JOLIBERT, J. **Além dos muros da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- KOCH, I. V. **Ler e escrever**.. São Paulo: Editora Contexto. 2009. 220 p.
- KOCH, I, V; B, A, C; CAVALCANTE, M, M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I, V; ELIAS, V, M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos; 74).
- MICOTTI, M. C. O. (Org.). **A educação infantil e a alfabetização**. IN: Alfabetização: aspectos teóricos e práticos. Rio Claro: Instituto de Biociências, UNESP, 1999.
- MICOTTI, M. C. O.. (Org.). **Leitura e Escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos**. 01 ed. São Paulo: Contexto, 2009. v.1. 288 p.
- RANGEL, M. **Dinâmicas de leitura para sala de aula**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

- SILVA, E.T. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- SILVA, E.T. ZILBERMAN, R. **Leitura, perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- SIM-SIM, I. R. G. – **Como leem as nossas crianças? Caracterização do nível de literacia da população escolar portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação/ Gabinete de estudos e Planeamento, 1993.
- SOARES, M; BATISTA, A. A. G. **Alfabetização e Letramento**. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/ FAE/ UFMG, 2006.
- SOARES, M. B. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In ZILBERMAN, R; SILVA, E. T.. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.
- SOUSA, M. L. D. – **Níveis de estruturação e dimensões de transmissão dos livros de Português**. In *Manuais escolares. Estatuto, funções e história. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares*. Braga: Universidade do Minho, 1999.
- YUNES, E. *Pelo avesso: a leitura e leitor*. RJ: PROLER, 2001.